

JOHN LOCKE
ALGUNS PENSAMENTOS ACERCA DA EDUCAÇÃO

Tradução, apresentação e notas:
Avelino da Rosa Oliveira
Gomercindo Ghiggi

Parte 6 — (§§ 88-102)

§.88. Se encontrardes um *tutor* que sinta-se no lugar do pai, encarregue-se do seu cuidado e que, por apreciar estas coisas, aplique-se desde o começo para colocá-las em prática, em seguida irá julgar muito fácil o seu trabalho. E acredito que em pouco tempo vosso filho terá mais proficiência do que imaginais, tanto em relação à aprendizagem quanto à criação. Não permitais, porém, que de maneira alguma bata nele sem o vosso consentimento ou direção, pelo menos até que, pela experiência, tenhais avaliado sua descrição e temperamento. Entretanto, a fim de preservar-lhe a autoridade diante do discípulo, além de ocultar a este que o tutor não tem o poder do látego, certificai-vos de tratá-lo com grande respeito e de fazer com que toda a vossa família proceda também do mesmo modo, pois não podeis esperar que vosso filho tenha respeito por alguém a quem vê o pai, a mãe ou outros desconsiderarem. Se o julgais digno de desprezo, o escolhestes mal; e se demonstrardes qualquer desprezo por ele, dificilmente escapará do mesmo sentimento da parte de vosso filho. E quando isto ocorrer, por maior que seja sua valia e por mais que tenha capacidade para este empreendimento, estarão todas perdidas para vosso filho e, daí em diante, jamais lhe poderão ser úteis.

§.89. Assim como o exemplo do pai deve ensinar ao filho o respeito pelo tutor, do mesmo modo, o exemplo do tutor deve conduzir a criança àquelas ações que ele almeja. Sua prática não pode, de modo algum,

ir de encontro a seus ensinamentos, a menos que queira pervertê-lo. Será inútil que o tutor fale da sujeição das paixões, quando algumas das suas são deixadas livres; e empenhar-se-á em vão para corrigir qualquer vício ou indecência do pupilo, se os permite em si próprio. Os modelos molestos seguramente são mais seguidos do as que boas regras. Portanto, o tutor deve ter o cuidado de preservá-lo da influência de precedentes molestos, especialmente os mais perigosos de todos – os exemplos dos servos, de cuja companhia ele deve ser afastado, não por proibições, que o farão cobiçá-la ainda mais, mas por outros meios que já mencionei.

§.90. Em toda a extensão da tarefa educativa nada há de tão propenso a ser negligenciado, ou mais difícil de ser bem observado, do que aquilo que agora vou dizer, isto é: que se deve ter perto dos filhos, assim que eles comecem a falar, uma pessoa *discreta, sóbria* e, principalmente, *sensata*, cuja preocupação deve ser formá-los convenientemente e afastá-los de todo mal, especialmente da contaminação das más companhias. Penso que tal cargo requer grande *sobriedade, temperança, ternura, zelo e discrição*, qualidades que dificilmente podem ser encontradas unidas nas pessoas que se há de conseguir por salários comuns; tampouco serão facilmente encontradas em qualquer lugar. Quanto ao gasto com isto, penso que será o dinheiro melhor empregado em proveito de nossas crianças; portanto, embora possa ser mais dispendioso que o costumeiro, ainda assim não pode ser visto como caro. O Homem que, independentemente do preço, granjeia para o filho uma boa mente, com bons princípios, disposta para a virtude e a utilidade, e adornada com a civilidade e a boa criação, faz melhor aquisição do que se dispendesse o dinheiro para a adição de mais terras a seus acres originais. Sede tão parcimoniosos quanto desejeis em brinquedos e jogos, em seda e cintos, em laços e outros gastos inúteis, mas não empregueis parcimônia em aspecto tão necessário quanto este. Não é um bom expediente cumular-lhe de bens e empobrecer-lhe a mente. Sempre com grande admiração, tenho visto pessoas que gastam extravagantemente para enfeitar os filhos com roupas finas, para dar-lhes habitação e alimento suntuosos, para proporcionar que tenham mais servos inúteis do que o necessário; e no entanto, ao mesmo tempo, deixam definhando suas mentes e não cuidam suficientemente de cobrir aquela que é a nudez mais vergonhosa, a saber: a ignorância e as más inclinações naturais dos filhos. Não posso ver isto senão como um sacrifício dos pais à própria frivolidade, demonstrando mais seu orgulho do que a verdadeira preocupação com o bem dos filhos. O que quer que empregueis em proveito da mente do vosso filho demonstrará vossa verdadeira benevolência, embora seja para a diminuição de sua herança. O homem bom e sensato dificilmente poderá privar-se da idéia ou da realidade de ser grande e feliz. Mas aquele que é tolo ou vicioso

não poderá ser nem grande nem feliz, qualquer que seja a herança que lhe deixeis. E pergunto-vos se não há no mundo homens com renda de £500 por ano aos quais preferiríeis que vosso filho se assemelhasse, em vez de a outros que conheceis com renda de £ 5,000.

§.91. A consideração com relação aos gastos, portanto, não deve desencorajar aqueles que são capazes. A grande dificuldade será onde encontrar uma *peessoa adequada*, pois as de pouca idade, habilidade e virtude são inadequadas para este emprego, e as mais dotadas serão conseguidas com dificuldade para empreender tal encargo. Deveis, portanto, procurar cedo e pesquisar em todos os lugares, pois o mundo tem pessoas de todos os tipos. E lembro que *Montaigne* diz num de seus ensaios que o sábio *Castalio* era obrigado a fazer cepos em Basle para evitar passar fome, enquanto seu pai teria dado qualquer dinheiro por um tutor assim para seu filho; e *Castalio* teria abraçado de bom grado tal emprego, sob termos bastante razoáveis. Mas isto foi por falta de informação.

§.92. Se encontrardes dificuldade em achar um tutor conforme o desejado, não vos deveis surpreender. Posso somente dizer-vos: não poupeis esforços nem recursos para conseguir alguém assim; todas as coisas são obtidas deste modo. E ousa assegurar-vos que se conseguirdes um bom tutor jamais vos arrependereis dos encargos; pelo contrário, tereis sempre a satisfação de pensar que este foi o dinheiro mais bem gasto de todos. Certificai-vos, entretanto, de não tomar alguém com base na indicação de amigos ou por caridade. Não! Tampouco somente por sua grande honraria! Mais ainda: se procederdes como é aconselhável, a reputação de homem sóbrio, com um bom cabedal de conhecimentos (que é tudo o que é usualmente requerido num tutor) não será suficiente para servir a vossos propósitos. Sede tão escrupulosos nesta escolha quanto o seríeis na de uma esposa para ele, pois não podeis pensar estar fazendo uma tentativa, ou em mudar mais tarde; isto causar-vos-ia grande inconveniência, e maiores para vosso filho. Quando penso nos escrúpulos e precauções que venho depositando em vosso caminho, creio que parece como se vos recomendasse algo que pode ser oferecido mas que, de fato, não pode ser feito. Entretanto, o Homem que considerar quão diferente das demais é a tarefa de um tutor, se adequadamente exercida, e quão distante ela se encontra do pensamento de muitas pessoas, mesmo daquelas que se propõem a esta tarefa, provavelmente concordará comigo que alguém adequado para educar e formar a mente do jovem cavalheiro não se haverá de encontrar em todo lugar, e que deveis tomar mais do que os cuidados costumeiros nesta escolha, ou podereis não alcançar vosso objetivo.

§.93. O caráter de homem sóbrio e letrado é, como observei acima, o que todos esperam de um tutor. Isto geralmente é considerado

suficiente e é tudo o que os pais habitualmente buscam. Mas quando alguém assim tiver descarregado em seu pupilo todo o latim e a lógica que trouxe da universidade, este aparato torna-lo-á um cavalheiro distinto? Ou será possível esperar que ele seja melhor educado, melhor capacitado para a vida, que tenha princípios mais estabelecidos quanto às bases e fundamentos da verdadeira virtude e generosidade do que seu jovem *tutor*?

Para formar convenientemente um jovem cavalheiro, é necessário que o próprio *tutor* seja bem educado, que compreenda os modos de conduta e as medidas de civilidade diante de todo tipo de pessoas, ocasiões e lugares, e deve fazer com que o pupilo, de acordo com os requisitos de sua idade, observe-os constantemente. Esta não é uma arte a ser aprendida ou ensinada através dos livros; nada pode proporcioná-la senão a boa companhia e a observação, lado a lado. O alfaiate pode fazer suas roupas na moda e o professor de dança pode conferir elegância a seus movimentos; ainda assim, nenhum deles, embora dêem bom realce, pode torná-lo um cavalheiro bem-educado. Não! Embora ele tenha conhecimentos que lhe podem ser úteis, se estes não forem bem conduzidos, fá-lo-ão tão-somente mais impertinente e intolerável na convivência (*Conversation*). É a educação que coloca um verniz sobre todas as outras boas qualidades e as torna úteis para que ele granjeie a estima e a boa vontade de todos aqueles de que se aproxime. Sem uma boa educação, suas outras conquistas fá-lo-ão apenas passar por orgulhoso, presunçoso, frívolo ou tolo.

No homem mal-educado, a coragem tem ares de brutalidade, e não escapa a esse juízo; a instrução converte-se em pedantismo; o humor, em bufonaria; a simplicidade, em rusticidade; a boa índole, em subserviência. E não haverá nele sequer uma boa qualidade que a falta de educação não vá distorcer e desfigurar em seu prejuízo. De fato, a virtude e as habilidades, embora se lhes deva atribuir os devidos louvores, ainda não são suficientes para proporcionar ao homem um bom acolhimento e para torná-lo bem-vindo onde quer que chegue. Ninguém que queira aparecer em vantagem contenta-se com diamantes brutos ou os usa assim. Quando eles são lapidados e polidos, então proporcionam lustre. As boas qualidades são a riqueza substancial da mente, mas é uma boa educação que as realça; e quem deseja ser benquisto deve dar beleza, tanto quanto vigor, às suas ações. A solidez, ou mesmo a utilidade não são suficientes; em todas as coisas, a elegância e um proceder airoso são o que dão o ornamento e o gosto; e na maioria dos casos, o modo de fazer tem mais conseqüências do que as coisas feitas, e dele depende a satisfação ou o desprezo com que são recebidas. Isto, portanto – que não está em tirar o chapéu, nem em fazer reverências, mas em manter com espontaneidade o devido equilíbrio na linguagem, no olhar, nos movimentos, na postura, no posicionamento, etc,

de acordo com as pessoas e as circunstâncias, e que só pode ser aprendido pelo hábito e pelo costume –, embora esteja acima da capacidade das crianças, que não devem ser intimidadas a este respeito, ainda assim, deve ser começado e aprendido em boa medida pelo jovem cavalheiro enquanto ainda estiver sob o tutor, antes que esteja no mundo entregue a si próprio, porquanto, então, normalmente, é tarde demais para ter expectativa de corrigir várias impropriedades habituais que estão nas pequenas coisas. O procedimento não é o que deve ser até que se torne natural em todos os aspectos, constituindo, assim como os dedos de um músico habilidoso, uma ordem harmoniosa, que não requer cuidado nem concentração. Se no convívio social (Conversation) a mente do homem for absorvida pela ansiedade de acautelá-lo quanto a qualquer parte de seu comportamento, ao invés de corrigi-lo, este parecerá constrangido, forçado e desajeitado.

Além disso, esta é a parte mais necessária de ser formada pelas mãos e o cuidado do *tutor*, porque embora os erros na criação sejam os primeiros a ser notados pelos outros, são os últimos sobre os quais alguém é advertido. E não é que a malícia do mundo não seja suficientemente ávida para tagarelar sobre eles; é que está sempre fora do alcance do ouvido daquele que deveria tirar proveito do julgamento alheio e corrigir-se através desta censura. Na verdade, este é um ponto tão embaraçoso em que imiscuir-se que mesmo aqueles que são amigos e gostariam que fosse corrigido, raramente ousam mencioná-lo e advertir aqueles que amam de que estão incorrendo em tal ou tal caso de má educação. Os erros nas outras coisas podem ser freqüentemente mostrados a outrem com cortesia e não há quebra das boas maneiras ou da amizade no fato de corrigir alguém em outros defeitos. Entretanto, a própria boa educação não permite que um homem toque sobre isto ou insinue a outro que ele padece de falta de educação. Tal informação só pode vir daqueles que têm autoridade sobre eles; e mesmo destes, ela é recebida desagradavelmente e com muita dificuldade por um adulto; e, embora suavizada, é mal aceita por quem já tenha vivido um pouco no mundo. Por conseguinte, é necessário que esta parte seja o principal cuidado do *tutor*: que a elegância e a polidez habituais em sua conduta possam, tanto quanto possível, ser fixadas sob sua responsabilidade antes que ele saia de suas mãos; e que ele não necessite conselhos com relação a este ponto quando não tiver tempo nem disposição para recebê-los, e muito menos tiver alguém para dá-los. Em primeiro lugar, portanto, o *tutor* deve ser bem-educado. E o jovem cavalheiro que obtiver esta qualificação de seu *tutor* parte em grande vantagem e descobrirá que esta singular conquista abrir-lhe-á mais caminhos, possibilitar-lhe-á mais amigos e conduzi-lo-á mais longe no mundo do que todas as palavras difíceis ou o conhecimento real que tenha adquirido das Artes Liberais ou

da erudita *Encyclopaidia*¹ de seu *tutor*. Não que estas devam ser negligenciadas ou prejudicadas em favor da outra, mas de forma alguma se lhes deve dar preferência.

§.94. Além de ser bem-educado, o *tutor* deve conhecer bem o mundo: os costumes, os gostos, as loucuras, as fraudes, os erros da época em que se encontra e, particularmente, do país em que vive. Estas coisas ele deve ser capaz de mostrar a seu pupilo, na medida em que veja que ele é capaz: ensiná-lo a respeito da astúcia dos homens e seus modos; a retirar a máscara com a qual suas várias simulações e pretextos os cobrem; e ensinar seu pupilo a discernir o que, no fundo, encontra-se sob tais aparências, e que ele não pode tomar uma coisa pela outra, julgar pelo exterior e deixar-se seduzir pelas aparências, pelos comportamentos fingidos ou pelas adulações, como os jovens inexperientes estão inclinados a fazer se não forem advertidos. O tutor deve ensinar seu aluno a antever os desígnios dos homens com os quais trata e a acautelá-lo com relação a eles, sem excesso de suspeição nem confiança em demasia; entretanto, como o jovem é, por natureza, propenso a ir mais para algum dos lados, deve retificá-lo e incliná-lo para o outro. Ele deve acostumá-lo a fazer, tanto quanto seja possível, um julgamento verdadeiro dos homens através daquelas marcas que melhor servem para mostrar o que eles são e dar um panorama de seu interior, e que freqüentemente se mostram nas pequenas coisas, especialmente quando eles não estão expondo-se e atos. Ele deve fazê-lo acostumar-se às verdadeiras condições do mundo e predispô-lo a não imaginar que alguém seja melhor ou pior, mais sensato ou mais tolo do que o é de fato. Assim, através de degraus seguros e imperceptíveis, ele passará de menino a homem, que é o passo mais perigoso em todo o curso da vida. Isto, portanto, deve ser cuidadosamente observado e o jovem há que ser ajudado com muito zelo nesta passagem, e não ser retirado da proteção do tutor e jogado imediatamente no mundo, entregue tão-somente a si próprio, como é costume ser feito atualmente. Isto não ocorre sem o manifesto perigo de uma rápida ruína, não havendo nada mais freqüente do que exemplos de jovens que rumam a uma grande licenciosidade, extravagância e devassidão assim que são soltos de uma educação severa e estrita. Penso que isto deve ser imputado principalmente à forma errônea como foram educados, especialmente com relação a este ponto: tendo sido criados em grande ignorância do que realmente é o mundo, e descobrindo, quando encontram-se nele, que é uma coisa diferente daquilo que eles foram ensinados que

¹ As Artes Liberais eram prezadas pelos gregos como o conjunto dos conhecimentos necessários no processo educativo dos jovens. Esses saberes, do campo das artes e das ciências, incluíam basicamente a gramática, a retórica, a lógica, a aritmética, a música, a geometria e a astronomia. A compilação das Artes Liberais encontra-se na Enciclopédia. (N. T.)

deveria ser e que imaginaram que era, são facilmente persuadidos por outro tipo de tutores, com os quais eles certamente haverão de se encontrar, que a disciplina sob a qual foram mantidos e que as lições que lhes foram lidas não eram senão formalidades da educação e restrições da infância, que a liberdade própria dos homens consiste em precipitar-se no completo gozo daquilo que antes lhes era proibido. Eles mostram ao jovem noviço o mundo, em toda parte, cheio de exemplos luminosos e modernos disto; e ele de fato fica deslumbrado com eles. Meu jovem senhor, que não escapa de desejar mostrar-se como homem, tanto quanto qualquer dos galanteadores de sua idade, torna-se permissível a todas as irregularidades que encontra nos mais devassos; e, desta forma, busca conquistar crédito e adultidade rompendo com a modéstia e a sobriedade em que até então fora mantido; e considera bravura que suas primeiras iniciativas marquem-no por deixar de lado todas as regras de virtude que lhe foram pregadas por seu tutor.

Penso que um dos melhores meios de prevenir este mal é mostrar-lhe o mundo como realmente é, antes que nele entre definitivamente. Ele deve, por etapas, ser informado dos vícios em voga e prevenido sobre os procedimentos e desígnios daqueles que procurarão corrompê-lo. É necessário contar-lhe sobre os artifícios que empregam e as armadilhas que preparam e, por vezes, colocar diante dele os exemplos trágicos ou ridículos daqueles que se estão arruinando ou que se arruinaram neste caminho. A época atual não parece carecer deste tipo de exemplos, os quais devem ser transformados em marcos para que, através das desgraças, males, indigências e vergonhas de jovens esperançosos que, deste modo, foram levados à ruína, ele possa ser precavido; e que seja possível fazê-lo ver como aqueles que, através de pretensa amizade e respeito, conduziram-nos a isto e ajudaram a vitimá-los enquanto se estavam arruinando, contribuem para o seu desprezo e abandono agora que já estão arruinados. Que ele possa ver, antes de comprá-la a preço de uma experiência muito cara, que aqueles que o persuadem a não seguir os sóbrios conselhos que ele recebeu de seu *tutor*, bem como o conselho de sua própria razão, a qual eles dizem ser governada por outrém, agem na intenção de que eles próprios possam ter o governo dele; e o fazem acreditar que ele anda como um homem, por si próprio, por sua própria conduta e guiado por seu próprio prazer quando, na verdade, ele é absolutamente semelhante a uma criança guiado por eles em direção àqueles vícios que melhor servem às suas finalidades. Este é um conhecimento que, em todas as ocasiões, o *tutor* deveria esforçar-se em inculcar e, através de todos os métodos, procurar fazê-lo compreender e apreciar em plenitude.

Sei que se diz freqüentemente que revelar a um jovem os vícios da época é ensiná-lo a respeito deles. Reconheço que em grande parte isso é

assim, dependendo da forma como é feito; portanto, requer um homem discreto e habilidoso, que conheça o mundo e possa julgar a respeito do temperamento, inclinação e fraquezas de seu pupilo. Além disso, há que ser lembrado que já não é mais possível (conforme talvez antigamente o foi) preservar um jovem cavalheiro do vício, através da total ignorância deste; a menos que vades, por toda sua vida, engaiolá-lo num gabinete e jamais deixá-lo andar em qualquer companhia. Quanto mais tempo ele for mantido assim vendado, menos ele verá quando sair à rua, à luz do dia, e mais estará exposto a ser uma presa de si próprio e dos outros. E um jovem já avançado na idade, que faz seus primeiros vôos e traz o peso desta marca em torno de si, certamente há de atrair sobre si todos os olhares e os gorjeios da passarada das redondezas, entre os quais não haverá de faltar aves de rapina, prontas a lançar-se sobre ele.

A única proteção contra o mundo é o verdadeiro conhecimento dele. Nisto o jovem cavalheiro deve ser iniciado gradualmente, conforme possa suportá-lo, e quanto mais cedo melhor, contanto que esteja em mãos seguras e habilidosas para guiá-lo. A cena deve ser aberta lentamente e sua entrada procedida degrau por degrau, indicando-se os perigos que o esperam entre os homens, conforme suas diferentes condições, temperamentos, desígnios e relações. Ele deve ser preparado para ser molestado por alguns e acariciado por outros; prevenido com relação a quem é possível que se lhe oponha, que lhe engane, que o solape ou que o sirva. Ele deve ser ensinado a conhecê-los e distingui-los; saber em que ocasiões deixá-los ver e quando dissimular o conhecimento que tem sobre eles, sobre seus objetivos e artifícios. E se estiver excessivamente ansioso para aventurar-se por suas próprias forças e possibilidades, a perplexidade e os problemas de ser eventualmente malsucedido, contanto que não sejam atingidas sua inocência, saúde ou reputação, pode não ser uma maneira ruim de ensiná-lo a ser mais cauteloso.

Admito que nisto reside grande parte da sabedoria, não podendo ser, assim, produto de alguns pensamentos superficiais ou muita leitura, senão resultado da experiência e da observação de um homem que viveu no mundo com os olhos abertos e que conviveu (conversou) com homens de todos os tipos. E, por isso, penso que seja de grande valor para ser inculcado num jovem, em todas as ocasiões que se ofereçam para tanto, de forma que quando ele próprio se lance em águas mais profundas não se encontre como alguém no mar sem plano, bússola ou carta de navegação, mas que possa ter de antemão conhecimento das pedras e bancos de areia, das correntes e baixios (Quick-sands) e que saiba um pouco de como navegar para que não afunde antes de ganhar experiência. O Homem que não julga ser isto mais importante para o filho – e razão pela qual ele mais necessita um tutor – do

que as línguas e as ciências eruditas, esquece o quanto isto é mais útil, para julgar corretamente os homens e lidar com seus afazeres sabiamente, do que falar grego e latim, ou do que discutir sobre modos e figuras, ou ainda do que ter a cabeça cheia das especulações abstrusas da filosofia natural e da metafísica. É melhor ainda do que ser versado nos escritores gregos e romanos, embora isto seja muito melhor para um cavalheiro do que ser um bom peripatético ou cartesiano, uma vez que aqueles autores antigos observaram e pintaram a humanidade muito bem e propiciam melhor luz sobre aquele tipo de conhecimento. O Homem que adentrar as partes orientais da *Ásia* encontrará homens capazes e aceitáveis sem qualquer destes conhecimentos; entretanto, sem virtude, conhecimento do mundo e civilidade não se poderá encontrar, em lugar algum, um homem realizado e valoroso.

Um cavalheiro pode prescindir de grande parte dos aprendizados atualmente em voga nas escolas da *Europa* e que costumeiramente fazem parte da educação, sem qualquer grande dano para si próprio ou prejuízo para seus afazeres. Mas a prudência e a boa educação são necessárias em todas as épocas ou circunstâncias da vida; e a maioria dos jovens sofrem da carência delas e vêm ao mundo mais inexperientes e sem jeito do que deveriam, exatamente por esta razão: porque estas qualidades, que dentre todas são as mais necessárias de serem ensinadas e que reclamam mais a assistência e a ajuda de um professor, são geralmente negligenciadas e consideradas tão-somente uma parte pequena, ou até inexistente, da tarefa de um tutor. O latim e a erudição provocam todo o alvoroço. O esforço principal é colocado na proficiência em coisas que em grande parte não pertencem à vocação de um cavalheiro, que é ter o conhecimento próprio de um homem de negócios, a conduta adequada a seu nível, bem como ser eminente e útil para seu país, segundo sua posição social. Sempre que tenha algumas horas vagas ou o desejo de aperfeiçoar-se em alguma parte do conhecimento na qual o *tutor* o tenha somente iniciado, dedicar-se-á a algum estudo; então, os primeiros rudimentos que tiver aprendido anteriormente abrir-lhe-ão caminho suficiente para que, por sua própria operosidade, seja levado tão longe quanto sua imaginação o inspire ou suas habilidades o capacitem a ir. E se ele julgar que em algumas dificuldades a ajuda de um mestre pode poupar-lhe tempo e sofrimentos, poderá então tomar um experto nesta área ou escolher alguém que considere mais adequado para sua finalidade. Entretanto, para iniciar o pupilo nos conhecimentos necessários a um jovem no curso ordinário de seus estudos, é suficiente que o *tutor* possua uma instrução ordinária. Não é requisito que ele seja um erudito completo nem que possua à perfeição todas as ciências das quais convém que um jovem cavalheiro receba ao menos uma amostra,

numa visão geral ou como um breve sistema. O cavalheiro que deseje penetrar mais profundamente deve fazê-lo mais tarde, por seu próprio talento ou operosidade, pois ninguém jamais foi adiante no conhecimento, sequer tornou-se eminente em qualquer das ciências, através da disciplina e compulsão de um mestre.

A grande obra do *tutor* é amoldar-lhe a conduta e formar-lhe a mente, estabelecer em seu pupilo bons hábitos e os princípios da virtude e da sabedoria, dar-lhe, pouco a pouco, uma visão da humanidade, e trabalhá-lo para o amor e a imitação por aquilo que é excelente e digno de louvores; e na consecução deste intento, dotá-lo de vigor, diligência e industriiosidade. Os estudos aos quais ele o leva são tão-somente como que o exercício de suas faculdades e o emprego de seu tempo, para preveni-lo de saracoteios e ociosidades, para ensiná-lo a ser aplicado, bem como para acostumá-lo a suportar dores e dar-lhe uma pequena amostra do que deve ser aperfeiçoado por sua própria industriiosidade. Pois quem espera que sob a direção do *tutor* um jovem cavalheiro venha a ser, de forma completa, um crítico, orador ou lógico? Que se aprofunde na metafísica, na filosofia natural ou na matemática? Ou que seja um mestre em história ou cronologia? Embora seja necessário que se lhe ensine alguma coisa de cada uma dessas, é apenas para abrir-lhe a porta, para que possa olhar o interior, como se fora apenas o começo de um conhecimento, mas não para instalar-se ali. E seria mesmo de censurar o *tutor* que mantivesse o pupilo por muito tempo e o conduzisse muito longe na maioria desses estudos. Entretanto, de boa educação, conhecimento do mundo, virtude, industriiosidade e amor pela reputação não se pode dizer que exista excesso; e se ele possuir estas qualidades, não carecerá por muito tempo daquilo que necessite ou deseje das demais.

E como não se pode esperar que ele vá ter tempo e força para aprender todas as coisas, a maior parte dos esforços deve ser empreendida com relação ao que é mais necessário; e se deve cuidar principalmente daquilo que mais freqüentemente ser-lhe-á útil no mundo.

Já *Sêneca*, em seu tempo, queixa-se da prática contrária, e os Burgersdícios e Scheiblers² ainda não abundavam naquela época como na atual. O que pensaria ele se vivesse agora, quando os *tutores* pensam que sua maior missão é preencher o estudo e a cabeça de seus pupilos com

² Locke refere-se a Christoph Scheibler e Franco Petril Burgersdijck, autores um tanto desconhecidos na atualidade mas que tiveram seus trabalhos na área da lógica e da metafísica bastante disseminados nas escolas do século XVII. Scheibler (1589-1653) foi um dos chamados “protestantes aristotélicos”, de confissão luterana, que seguiram o exemplo de Cornelius Martini. Foi professor em Gießen e assim como Jacobus Martini e Clemens Timpler, incorporou diversas idéias das Disputas Metafísicas, de Suárez, a sua síntese filosófica e teológica. Scheibler foi chamado “o Suárez protestante”. Suas principais obras são: *Opus metaphysicum* (1612), *Epitome logica* (1624) e *Metaphysia duobus libris universum huius scientiae systema comprehendens* (1636). Burgersdijck foi professor em Leiden de 1620 a 1635 e escreveu *Idea philosophiae moralis* (1623), além do compêndio suareziano *Institutionum logicarum libri duo* (1637). (N. T.)

autores como estes? Ele teria mais razões para dizer, como o faz: *Non vitæ sed Scholæ discimus*³. Não aprendemos para a vida, mas para a disputa, e nossa educação prepara-nos mais para a universidade do que para o mundo. Mas não há surpresa no fato de aqueles que produzem a moda adaptá-la ao que possuem e não às necessidades de seus pupilos. Uma vez que esteja a moda estabelecida, quem pode achar estranho que ela deva prevalecer tanto nos estudos como em tudo o mais? E que a maior parte daqueles que encontram tranquilidade numa dócil submissão a ela estejam prontos a gritar “Heresia!” quando alguém dela se afasta? Entretanto, é surpreendente que homens de qualidades e de talento submetam-se a ser tão desencaminhados pelo costume e pela fé nele implícita. Fosse a razão consultada, adverti-los-ia de que o tempo dos filhos deveria ser gasto na aquisição daquilo que lhes possa ser útil quando vierem a ser homens, ao invés de abarrotar-lhes a cabeça com uma quantidade de porcarias sobre grande parte das quais eles jamais voltarão a pensar (é certo que jamais necessitarão fazê-lo) durante toda a vida; e tudo o que daí retiverem apenas torna-los-á piores. Isto é tão certo que pergunto aos próprios pais, que têm feito gastos para que seus jovens herdeiros sejam ensinados sobre todos esses conhecimentos, se não será ridículo que seus filhos tenham qualquer traço daquele tipo de aprendizado quando venham a enfrentar o mundo; se qualquer aparência disto não os diminuiria e desgraçá-los-ia perante os companheiros. Certamente, deve ser uma aquisição surpreendente e que muito bem merece fazer parte da educação esta de que os homens se envergonham onde mais lhes interessa mostrar seus talentos e boa criação.

Há ainda outra razão por que exigir do *tutor*, principalmente, polidez de maneiras e conhecimento do mundo: é porque um homem maduro e talentoso pode conduzir um rapaz bastante longe em qualquer daquelas ciências das quais ele próprio não tem visão profunda. Os livros a respeito delas serão capazes de abastecê-lo, bem como fornecer-lhe luzes e preeminência suficientes para conduzir o jovem sequaz. Todavia, jamais poderá orientar um outro corretamente no conhecimento do mundo e, sobretudo, dar-lhe boa educação, se ele próprio for noviço nestes assuntos.

Este é um conhecimento que ele deve ter em si próprio, impregnado pelo costume e pela convivência (*Conversation*), bem como por uma extensa autoformação através do que tenha observado ser praticado e permitido nas melhores companhias. Não possuindo isto em si próprio, não poderá tomar emprestado em lugar algum, para proveito de seu pupilo. E se nos livros pudesse encontrar tratados pertinentes, que abrangessem todas as particularidades do comportamento de um cavalheiro inglês, seus próprios

³ Sêneca, Ep. 106.12: “Não aprendemos para a vida, mas para a escola”. (N. T.)

exemplos inadequados – não sendo ele próprio bem-educado – estragariam todas as suas lições. É impossível, pois, que de companhias rudes e mal-educadas resulte alguém bem formado.

Não digo isto por pensar que um *tutor* assim vá ser encontrado todos os dias, ou que vá ser conseguido a taxas costumeiras. Digo-o por julgar que quem pode não deve pôr-se a economizar buscas ou custos nisto que é de tão grande importância; e que os outros pais, cujas posses não permitem oferecer salários mais elevados, devem lembrar o que é preciso principalmente ter em vista na escolha de alguém que incumbiriam da educação de seus filhos, e de que parte eles próprios devem especialmente encarregar-se enquanto os filhos estiverem sob seus cuidados, bem como sempre que estejam sob sua observação, e não pensar que tudo está no latim e no francês, ou em alguns sistemas secos de lógica e filosofia.

§.95. Mas retornemos novamente a nosso método. Embora tenha mencionado a severidade do sobrolho paterno e o respeito assim infundido na mente dos filhos quando pequenos como importante instrumento, através do qual se pode conseguir sua educação, estou longe de pensar que isto deva ser mantido durante todo o tempo em que, na pupilage, estiverem sob disciplina e governo. Penso que deva ser relaxada assim que sua idade, discrição e boa conduta permitam-no. Será mesmo bom, conforme o filho cresça e torne-se capaz, que o pai *converse francamente* com ele; sobretudo, que *peça sua opinião e o consulte* a respeito das coisas sobre as quais ele tenha algum conhecimento ou entendimento. Deste modo, o pai ganhará duas coisas, ambas de grande importância. A primeira é que introduzirá considerações sérias no pensamento do filho, melhores do que quaisquer regras ou conselhos que lhe possa dar. Quanto mais cedo o *tratardes como um homem*, mais cedo ele começará a sê-lo; e se por vezes o admitirdes em conversas sérias convosco, imperceptivelmente elevareis sua mente acima das diversões costumeiras da juventude e daquelas ocupações frívolas em que habitualmente ela se perde. É fácil observar que muitos jovens continuam com pensamentos e conversa de escolares por muito mais tempo do que o fariam, em razão dos pais, através de todos os procedimentos para com eles, manterem-nos a distância e inferiorizados.

§.96. Outra coisa de grande efeito que obtereis através deste modo de tratá-lo é *sua amizade*. Muitos pais, embora façam concessões liberais aos filhos, de acordo com sua idade e condições, privam-nos do conhecimento de suas posses e preocupações, mantendo tanta reserva como se estivessem guardando um segredo de Estado contra um espião ou um inimigo. Esta atitude, se não se assemelha ao ciúme, ao menos carece dos caracteres de amabilidade e intimidade que o pai deveria mostrar quanto ao

filho e, sem dúvida, freqüentemente impede ou enfraquece aquela alegria e satisfação com que o filho deveria dirigir-se ao pai e nele confiar. E não posso deixar de espantar-me ao ver com freqüência pais que, apesar de muito amarem os filhos, estabelecem uma austeridade constante e um ar de autoridade e distância, durante toda a vida, como se os filhos nunca devessem experimentar prazer ou ter algum conforto de parte daqueles que eles mais amam no mundo, até que os percam e sejam entregues a outro. Nada estabelece e cimeta tão fortemente a amizade e o afeto mútuo quanto o *diálogo confioso* sobre as preocupações e os negócios. Outras amabilidades, faltando esta, deixam ainda dúvidas; quando, porém, vosso filho vir-vos abrir vossa mente para ele, quando descobrir que o aproximais de vossos negócios, como coisas que Almejais que no devido tempo se lhe passem às mãos, então passará a preocupar-se por elas como seu interesse próprio, aguardará sua hora com paciência e, enquanto isto, amar-vos-á como quem não o mantém à distância de um estranho. Isto também fará com que ele veja que os prazeres que tendes não são privados de cuidados; e quando mais ele perceba isto, menos invejará vossas posses e mais sentir-se-á feliz sob a direção de um amigo tão benévolo e de um pai tão cuidadoso. Dificilmente haverá um jovem com pensamento tão estreito ou tão desprovido de juízo para não alegrar-se de ter um *amigo seguro* a quem possa recorrer e consultar quando necessário. A reserva e a distância que os pais mantêm, freqüentemente privam os filhos daquele refúgio que ser-lhes-ia mais proveitoso do que uma centena de repreensões e censuras. Se for de vosso filho aventurar-se em alguma travessura ou extravagância, não seria preferível que o fizesse com vosso conhecimento? Pois, dado que aos jovens devem ser feitas concessões para tais coisas, quanto mais souberdes de suas maquinações e desígnios, melhor podereis prevenir os males maiores e encontrar o melhor caminho de influenciá-lo a evitar as inconveniências menores, fazendo-o ver as conseqüências de seus atos. Desejais que ele abra o coração para vós e que peça vossos conselhos? Deveis primeiro começar a agir assim com ele e, através de vossa conduta, engendrar esta confiança.

§.97. Sobre qualquer assunto que ele vos consulte, entretanto, a menos que conduza a algum mal irremediável e fatal, estai certos de aconselhá-lo unicamente como um amigo de maior experiência. Não entremeeis em vossos conselhos qualquer comando ou autoridade além do que o fareis a um igual ou a um estranho; isto significaria afastá-lo para sempre de quaisquer outras solicitações e de beneficiar-se de vosso aconselhamento. Deveis levar em conta que ele é jovem e que tem prazeres e fantasias pelos quais já passastes. Não podeis esperar que suas inclinações sejam como as vossas, nem que aos vinte anos ele tenha os mesmos

pensamentos que tendes aos cinqüenta. Uma vez que a juventude deve ter alguma liberdade, alguns desvios de caminho (*Outleaps*), tudo que podeis desejar é que se dêem com a pureza de um filho e *sob a vista do pai*; então, nenhum grande dano daí resultará. Como eu disse anteriormente, o meio de obter isto é (conforme o julgueis capacitado) conversar com ele sobre vossos negócios, propor-lhe assuntos *francamente* e pedir seus conselhos. Sempre que forem bem-figurados, segui-os como idéias dele; e se ele for bem-sucedido, deixai-o receber os louvores. Isto de modo algum diminuirá vossa autoridade, senão que fará crescer nele o amor e a estima por vós. Enquanto conservardes vossos bens, continuareis a empunhar o cetro; e vossa autoridade estará tanto mais segura, quanto mais for fortalecida pela *confiança* e pela *amabilidade*. Não tereis sobre ele aquele poder que seria aconselhável até que ele se torne mais receoso de ofender um amigo tão benévolo do que de perder alguma parte de suas futuras expectativas.

§.98. A franqueza na conversa, se é adequada ao pai em relação ao filho, com mais razão pode ser assentida pelo tutor quanto a seu pupilo. O tempo que passam juntos, não deveria ser todo gasto na leitura de lições e ditando-lhe magistralmente o que ele deve observar e seguir; ouvir seus argumentos e acostumá-lo a raciocinar sobre o que lhe é proposto faz com que as regras sejam absorvidas mais facilmente e que penetrem mais profundamente, proporcionando-lhe gosto pelo estudo e pela instrução. Desta forma, ele começará a valorizar o conhecimento quando vir que o capacita para as conversas, quando experimente o prazer e a honra de tomar parte no convívio social (*Conversation*) e de ter suas razões escutadas e algumas vezes aprovadas. Especialmente nas questões de moralidade, de prudência e de boa educação, dever-se-iam apresentar-lhe fatos concretos e solicitar seu julgamento. Isto abre o entendimento melhor do que as máximas – por melhor que elas sejam explicadas – e, através da prática, sedimenta mais as regras na memória. Este caminho permite que as coisas penetrem na mente e lá se fixem, retendo com elas suas evidências, enquanto as palavras, sendo, na melhor das hipóteses, pálidas representações e verdadeiramente não mais do que sombras das coisas, são esquecidas muito mais rapidamente. Ele compreenderá melhor os fundamentos e os padrões da decência e da justiça e terá impressões mais vivas e duradouras de como deve proceder, dando sua opinião sobre casos propostos e argumentando com o tutor sobre exemplos bem escolhidos do que assistindo de modo silencioso, negligente e sonolento às lições do tutor; e ainda melhor do que através de disputas lógicas capciosas ou exercícios próprios de oratória sobre qualquer questão. Pelo primeiro caminho, o pensamento assenta sobre a argúcia e as cores falsas, e não sobre a verdade; o outro, ensina a falácia, a alteração e a opiniaticidade. Os dois corrompem

o juízo e põem o homem fora do caminho da argumentação correta e equilibrada, devendo, portanto, ser cuidadosamente evitados por quem queira cultivar-se e ser digno da aceitação dos demais.

§.99. Quando tiverdes estabelecido vossa autoridade, por fazer vosso filho perceber que depende de vós e que está sob vosso poder; e quando, por ser inflexivelmente severo em vossa conduta para com ele, sempre que persistir obstinadamente em alguma falta grave de que o tenhais proibido, especialmente a mentira, tiverdes gravado em sua mente o necessário temor (*awe*); e, por outro lado, quando, por permitir que ele tenha a plena liberdade compatível com sua idade e por não tornar vossa presença uma restrição àquelas ações infantis e comportamentos pândegos que, enquanto ele é jovem, são-lhe tão necessários como a carne ou o sono, o tiverdes acostumado a vossa companhia; e quando, através da indulgência e da ternura, principalmente acariciando-o sempre que fizer bem alguma coisa, e sendo bondoso de milhares de maneiras adequadas a sua idade, as quais a natureza ensina aos pais melhor do eu pudera fazê-lo, o tiverdes tornado sensível a vosso carinho e amor por ele; enfim, quando através destas formas de ternura e afeição de que os pais nunca privam os filhos, tiverdes plantado nele um afeto também singular por vós, estará ele, então, no estado que poderíeis desejar, e tereis formado em sua mente a verdadeira *reverência* que, daí em diante, deve ser cuidadosamente prolongada e mantida em suas duas partes, o *amor* e o *temor* (*Fear*), enquanto o grande princípio pelo qual tereis sempre o controle sobre ele, a fim de dirigir-lhe a mente para os caminhos da virtude e da honra.

§.100. Uma vez que esteja estabelecido este fundamento e que percebaís que esta reverência começa a operar sobre ele, o próximo passo a ser dado é considerar cuidadosamente o seu *temperamento* e a constituição particular de sua mente. A birra, a mentira e as ações de natureza molesta não devem (como já foi dito) ser permitidas desde o começo, qualquer que seja seu temperamento. Não pode ser aceito qualquer enraizamento dessas sementes de vício, senão que devem ser arrancadas cuidadosamente tão logo comecem a mostrar-se nele; e vossa autoridade deve impor-se e influenciar-lhe a mente desde o alvorecer de seus conhecimentos, a fim de que possa operar nele como um princípio natural do qual ele nunca percebeu o começo nem nunca soube que fosse ou pudesse ser de outro modo. Deste modo, se a *reverência* que ele vos deve for cedo estabelecida, será sempre sagrada para ele; e ser-lhe-á tão difícil resistir a ela quanto opor-se aos princípios de sua natureza.

§.101. Assim, estabelecendo desde muito cedo vossa autoridade e, através de sua aplicação moderada, levando-o a envergonhar-se de tudo que conduza a quaisquer hábitos imorais assim que os observeis nele (pois

penso que de modo algum deveis recorrer às reprimendas, muito menos às palmadas, até que a teimosia incorrigível torne-as absolutamente necessárias), convirá considerar em que direção a constituição natural de sua *mente o inclina*. Alguns homens, devido à estrutura inalterável de sua constituição, são *intrépidos*, outros *temerosos*; alguns autoconfiantes, outros modestos...

§. 102. Começai, portanto, a observar com cuidado, desde cedo, o *temperamento* de vosso filho; e isto quando ele estiver mais à vontade, em suas brincadeiras, julgando-se longe do alcance de vossa vista. Vede quais são suas *paixões predominantes* e *inclinações preponderantes*: se ele é violento ou dócil, intrépido ou retraído, humano ou cruel, expedito ou reservado, etc. Pois de acordo com estas diferenças nele, também vossos métodos devem ser diferentes e vossa autoridade deve, assim, ajustar-se para ser aplicada de diferentes modos. Não se há de curar estas *propensões inatas*,⁴ estas preponderâncias de constituição com regras ou oposição direta, especialmente aquelas que são do tipo mais moderado e ameno, que procedem do temor e da fraqueza de espírito; pelo contrário, é com arte que muito bem podem ser emendadas e encaminhadas para bons propósitos. Não obstante, estai certos de que, mesmo após ter feito tudo isto, a carga pesará sempre mais para aquele lado no qual a natureza a depositou. E se observardes cuidadosamente as características de sua mente já nas primeiras cenas de sua vida, daí em diante estareis sempre aptos a julgar a direção em que se inclinam seus pensamentos e quais suas intenções; mesmo no futuro, quando for um adulto e sua história tornar-se mais complexa, quando usar diversas máscaras para representá-la.

⁴ Embora aqui o termo usado por Locke seja “*native*”, e não “*innate*”, pensamos que “*inatas*” é a melhor opção para traduzi-lo. Não nos aliamos à solução do tradutor francês (*natives*) e menos ainda à alteração perpetrada pelo espanhol (*relativas*); preferimos a linha adotada pelo alemão (*angeborenen*). Tal opção, entretanto, não nos permite passar ao largo do célebre campo de alterações entre racionalistas e empiristas: a questão das *idéias inatas*, à qual já nos reportamos em outras oportunidades (Cf. *Apresentação*, Cad. Educ., n.13, p.147-171, ago./dez. 1999 e *O conceito de disciplina em John Locke*, Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995).

No último parágrafo destes *Pensamentos* (§ 217), Locke referir-se-á às crianças como “folha em branco ou cera a ser moldada e conformada como se deseje”. A metáfora da “folha em branco” remete ao Livro 2 do *Ensaio* e à forte rejeição de Locke aos princípios inatos, no Livro 1. Entretanto, conforme nos mostram aqui os §§ 101-102, esta metáfora não pode ser tomada em seu sentido literal. Os princípios inatos que Locke rejeitou eram as verdades e as idéias que as compunham, por exemplo, verdades morais, verdades lógicas ... O próprio *Ensaio* refere-se ao princípio inato da busca do prazer e da fuga da dor (Cf. I.3.3). Assim, a visão grosseira e estereotipada de que Locke acredita que a mente seja absolutamente vazia no nascimento precisa ser rejeitada e substituída pelo reconhecimento de características, temperamento e tendências, bem como de um grande número de faculdades.

Avelino da Rosa Oliveira e **Gomercindo Ghiggi** são professores de Filosofia da Educação na Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Com vários trabalhos de parceria, publicaram em co-autoria *"Locke e o conceito de disciplina ou os pressupostos da educação burguesa"*, em Cadernos de Educação, n.4 e o livro *"O conceito de disciplina em John Locke"*, pela EDIPUCRS, em 1995. **Gomercindo** é doutor em Educação pela UFRGS e **Avelino** é doutorando, também na UFRGS.

E-mails: oliveira@ufpel.tche.br
ghiggi@ufpel.tche.br

Texto recebido em
fevereiro/2002
